

Suzane Tosta Souza
Professora Plena do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da
Bahia (UESB)
suzane.tosta@uesb.edu.br

Larissa Ferraz Nascimento
Mestra em Geografia (PPGEO/UESB)
larissaferraz2013@gmail.com

Mailan de Oliveira Lima
Mestranda em Geografia (PPGEO/UESB)
201820656@uesb.edu.br

RESUMO

O presente artigo traz resultados da pesquisa Violência e Produção desigual do espaço urbano, desenvolvida ao longo de 3 anos (2018-2021) junto ao Laboratório de Estudos Agrários e Urbanos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (LEAU/DG/UESB). Por meio da coleta de dados oficiais da Secretaria de Segurança Pública (SSP/BA), do Atlas da Violência, de ONGs como a Segurança, Justiça e Paz, buscou-se fazer uma análise sobre a violência na cidade de Vitória da Conquista/BA. Contudo, os dados mostraram-se generalistas e não permitiram chegar à leitura que pretendia: analisar o caráter desigual e classista, bem como racial, na qual a violência se concretizava no urbano. Esse nível de detalhamento foi buscado através de um levantamento sistemático dos crimes ocorridos na cidade durante o período em blogs e noticiários locais, com o objetivo de identificar: quem provocou a morte, por que, qual o perfil das vítimas (idade, gênero, raça) e os locais onde esses crimes ocorriam. Na sua relação com o aparato da teoria crítica, que entende a violência como inerente à sociedade de classes e a produção do espaço urbano como prática social, a análise dos dados permitiu concluir que a violência é classista, possui raça, gênero e se expressa desigualmente no espaço.

Palavras-chave: Violência, produção do espaço urbano, desigualdades espaciais.

ABSTRACT

This article presents the results of the research entitled “Violence and Unequal Production of Urban Space”, conducted over a 3 year period (2018-2021) in collaboration with the Laboratory of Agrarian and Urban Studies of the Southwest Bahian State University (LEAU/DG/UESB). Through official data from the Department of Public Security, from the violence Atlas, and NGOs such as Segurança, Justiça e Paz (Security, Justice and Peace) were collected to analyse violence in the city of Vitória da Conquista/BA. However, these data presented itself as generalized and did not allow the intended reasoning: analysing the

¹ Parte da pesquisa desenvolvida junto ao Departamento de Geografia e o Programa de Pós-Graduação em Geografia/PPGEO-UESB, com financiamento da FAPESB, da UESB e do CNPq. Algumas dessas reflexões foram, ainda, apresentadas e discutidas na Mesa-Redonda: Sustentabilidade e Violência: contradições e evidências, realizada pelo Museu Pedagógico da UESB, em meio à Semana Nacional dos Museus, em junho de 2023



unequal and class-based, as well as racial, nature in which urban violence materialized. This level of detail was sought through a systematic survey of crimes occurring in the city during the period, as reported in local blogs and News aiming to identify: who caused the deaths, why it occurred. In its relationship with the apparatus of critical theory, which understands violence as inherent to a class-based society and production of urban space as a spatial practice, the analysis of the data led to the conclusion that violence is class-based, has race, gender and expressed unequally in space.

Keywords: Violence, production of urban space, spatial inequalities.

RESUMEN

Este artículo presenta los resultados de la investigación titulada: “Violencia y Producción Desigual del Espacio Urbano”, desarrollada a lo largo de 3 años (2018-2021) en colaboración con el Laboratorio de Estudios Agrarios y Urbanos de la Universidad Estatal del Suroeste de Bahía (LEAU/DG/UESB). Por medio de la recopilación de datos oficiales del Departamento de Seguridad Pública, del Atlas de la Violencia, de ONGs como Segurança, Justiça e Paz (Seguridad, Justicia y Paz) para analizar la violencia en la ciudad de Vitória da Conquista/BA. Sin embargo, estos datos se muestran generalizados y no permitieron la lectura pretendida: analizar el carácter desigual y clasista, así como racial, en la que se materializa la violencia urbana. Se buscó este nivel de detalle a través de una encuesta sistemática de los delitos ocurridos en la ciudad durante el período en blogs y noticias locales, con el objetivo de identificar: quién causó la muerte, por qué, el perfil de las víctimas (edad, género, raza) y donde tuvieron lugar estos crímenes. En su relación con el aparato de la teoría crítica, que entiende la violencia como inherente a la sociedad de clases y la producción del espacio urbano como una práctica espacial, el análisis de datos llevó a la conclusión de que la violencia es clasista, tiene raza, género y se manifiesta de manera desigual en el espacio.

Palabras clave: Violencia, producción del espacio urbano, desigualdades espaciales.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por propósito analisar como a violência² se expressa desigualmente no espaço urbano, tendo como realidade concreta a cidade de Vitória da Conquista, no Centro-Sul do estado da Bahia. Os dimensionamentos teóricos e metodológicos que levaram à pesquisa, partiram de estudos anteriores realizados na graduação e na pós-graduação em Geografia, em que buscamos desenvolver, por meio da teoria crítica, leituras sobre a produção desigual do espaço urbano conquistense no movimento do desenvolvimento desigual do capital, partindo da reflexão de autores como Smith (1988), Harvey (2005) e Lefebvre (2006). Nesse propósito, nos contrapomos à leitura superficial, que analisa a cidade por meio de uma divisão entre Zona Leste e Zona Oeste, que seria produzida a partir da passagem da BR-116 que corta a referida cidade. Entendendo, com base nas reflexões de Lefebvre (2006), que a produção do espaço é muito mais complexa, expressando todo um conteúdo de classes e a forma como o capital se apropria desse para garantir sua reprodução (Smith, 1988), buscamos construir um outro entendimento sobre essa cidade e a produção do espaço urbano.

Com o fito de entender a produção desigual do urbano, partimos para a leitura das diversas paisagens da cidade. Essas, coletadas, em parte, em blogs e reportagens, sempre enfatizavam a zona

² Sendo uma categoria sociológica de grande amplitude, nesse artigo consideraremos apenas os casos de crimes que repercutiram em morte das vítimas



Oeste – historicamente ocupada por migrantes que compõe parte significativa do exército de trabalhadores dispostos ao assalariamento, como o local da violência, onde os crimes bárbaros aconteciam, não raramente com os corpos de suas vítimas expostos. Do ‘outro lado’ da cidade, o aparente mosaico evidenciava o eldorado da felicidade e da beleza, composto pelas possibilidades e empreendimentos luxuosos que se concretizavam em um efetivo controle sobre o solo urbano, sob o signo da propriedade privada, para auferir renda e lucro e assim, selecionar os sujeitos/classes que deveriam se reproduzir nesse espaço da cidade. Daí, surgia o primeiro questionamento: seria a violência a expressão de um processo tão aparente? Até que ponto ela se explica, ou se limita, a uma mera divisão administrativa?

No intuito de compreender a violência como expressão da sociedade de classes, que produz espaços desiguais e reproduz desigualdades sociais, lançamo-nos ao desafio de entender de forma mais profunda como e por que essa violência se expressa. Quem são os sujeitos/classes que sucumbem aos crimes bárbaros ocorridos na cidade? Qual é a raça desses sujeitos que morrem? E, finalmente, como essa violência se expressa espacialmente na cidade? Daí, se busca explicar que essa violência não é determinada pelo espaço em sua condição absoluta, e sim partindo das relações sociais historicamente construídas, expressando as dimensões do espaço relativo (Lefebvre, 2006).

No levantamento de dados sobre a violência no espaço urbano conquistense, nos deparamos com informações importantes, trazidas tanto pela Secretaria de Segurança Pública do estado da Bahia, quanto pela Organização Não-Governamental Mexicana Segurança, Justiça e Paz, em que a cidade de Vitória da Conquista/BA aparecia com grande destaque nos índices de violência se comparada a realidade nacional (no caso da primeira entidade) ou mesmo internacional (no estudo da segunda entidade). Para citar um exemplo, iniciamos a coleta de dados no ano de 2018, e nesse a ONG Mexicana, ao apontar as estatísticas do ano de 2017, mostrava que a cidade de Vitória da Conquista se configurava como a 11ª mais violenta do mundo e a 4ª mais violenta do país, estando atrás apenas de três capitais: Natal, Fortaleza e Belém, sendo a cidade do interior do país mais violenta nesse ano³. Nos anos que se seguiram e se configuraram no período de coleta de dados da pesquisa (2018-2021) o município e a cidade de Vitória da Conquista se mantiveram em destaque no quesito violência, seja nos dados oficiais da Secretaria de Segurança Pública, seja nas estatísticas da ONG Mexicana Segurança Justiça e Paz, posteriormente denominada Conselho Cidadão para a Segurança Pública e a Justiça Penal que comparava os dados de cada país, com o propósito de entender a violência mundialmente⁴.

³ A metodologia utilizada para definir esse ranking da violência é o número de assassinatos a cada 100.000 habitantes, estabelecendo-se, assim, uma média em relação a população de cada município

⁴ Apenas no ano de 2024, ao se divulgar os dados de 2023, a cidade de Vitória da Conquista/BA não aparece entre as 50 mais violentas do mundo. Mas, é preciso ter cautela no tratamento desses dados, o que, de forma alguma indica que houve a diminuição da violência nessa cidade; podendo evidenciar que outras cidades brasileiras e mundiais, por exemplo, foram ainda mais violentas que a em estudo. Uma observação rápida desses dados permite concluir que o Brasil figura sempre com 10 a mais cidades entre as 50 mais violentas do mundo. No quadro do país, os dados evidenciam a participação efetiva de cidades baianas entre as mais violentas do



As estatísticas sobre a violência na cidade de Vitória da Conquista, e a forma como essa cidade era retratada em noticiários e blogs, nos chamou atenção para a principal problemática da pesquisa. A necessidade de ir além do aparente, e compreender a violência no próprio movimento das práticas espaciais, e seu caráter de classe, que produz e reproduz a cidade desigual. A perspectiva do referido artigo é, então, evidenciar que essa violência possui classe e cor, e se expressa desigualmente no espaço conquistense. Mas, para sustentar essa hipótese, os dados oficiais não permitia chegar no nível de detalhamento que buscávamos, pois traziam apenas os números, em alguns momentos o motivo do assassinato, mas não os locais, a classe social, a cor das vítimas e o motivo pelo qual sucumbiram à violência. Assim, nos lançamos ao desafio de realizar esse levantamento, a partir da coleta de dados em noticiários e blogs da cidade, nos quais, por vezes, era possível se obter as seguintes informações: quem cometeu o crime, qual a idade da vítima, a raça, o gênero e onde esses crimes ocorreram no urbano. Para se aproximar da veracidade dos fatos, os dados eram coletados em, pelo menos, três blogs da cidade⁵, e ainda por meio da consulta a jornais e imprensa falada e escrita⁶, semanalmente.

A análise e sistematização de parte desses dados, em sua relação com o aporte teórico, ancoraram-se no entendimento da produção desigual e classista do espaço (Harvey, 2005). Entendendo que na sociedade do capital, o espaço sucumbe à condição de mercadoria, buscou-se analisar os processos de expropriação e apropriação do solo urbano, os interesses das classes proprietárias e suas alianças com empreendimentos capitalistas, sobretudo do negócio imobiliário. Em uma dimensão totalizante, entendemos que um contexto de crise estrutural do capital, a impossibilidade desse modo de produção explorar, por meio do trabalho assalariado ou não, essa massa de trabalhadores, que sucumbe ao desemprego e as relações precárias para manter a existência, recai, também, na reprodução dos trabalhadores na cidade de Vitória da Conquista, influenciando no aumento da violência e na produção desigual do espaço urbano. Por meio dessa

país, como apontou o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, em 2024, referindo-se ao ano de 2023, conforme pode-se observar no endereço: <https://www.cartacapital.com.br/justica/as-10-cidades-mais-violentas-do-brasil-segundo-o-anuario-de-seguranca-publica/>. O fato de se ter na estatística dos assassinatos uma participação efetiva da Polícia como responsável por esses, a divulgação desses dados causou grande comoção e mobilização social, ao evidenciar a extrema violência da Polícia baiana, que passa a ser considerada a mais violenta do país, conforme aponta: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/bahia-lidera-ranking-de-mortes-por-intervencao-policial-diz-anuario-de-seguranca-publica/#:~:text=A%20Bahia%20lidera%2C%20em%20n%C3%BAmeros,8%25%2C%20totalizando%201.699%20v%C3%ADtima>

s. Justificamos, entretanto, que o referido artigo trabalha com dados do período de 2018-2021, sendo que esses dados de 2022, divulgados em 2023 e anos posteriores estão em análise e serão abordados em artigos futuros. Os dados referentes as cidades mais violentas do mundo, no ano de 2023, divulgados em 2024, podem ser conferidos na seguinte reportagem: <https://exame.com/brasil/brasil-tem-10-das-50-cidades-mais-violentas-do-mundo-veja-ranking/>. Os dados do ano de 2022, divulgados pela ONG que passou a se chamar Conselho Cidadão para a Segurança Pública e a Justiça Penal no ano de 2023 podem ser observados na reportagem: <https://exame.com/brasil/as-10-cidades-mais-violentas-do-brasil/> Os dados do Atlas da violência e dos Anuários brasileiros de Segurança Pública, em sucessivos anos, também foram coletados de forma virtual

⁵ Sobre isso, buscamos blogs referenciados na cidade e conduzidos por jornalistas de respaldo, a exemplo do Blog do Anderson, Blog do Giorlando Lima, Blog do Senna, Blog do Rodrigo Ferraz e outros.

⁶ Dentre esses o Conquista Repórter, Jornalistas livres e telejornais, como o Bahia Meio-dia, transmitido pela TV Sudoeste, afiliada da Rede Globo de Televisão, dentre outros



leitura, em sua mediação com os dados coletados sobre a violência na cidade de Vitória da Conquista, reuniu-se os elementos que compõem o referido artigo.

2. A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE VITÓRIA DA CONQUISTA/BA ENQUANTO ESPAÇO DE REPRODUÇÃO DA VIOLÊNCIA

Neste artigo, parte-se do entendimento de que em uma sociedade classista, dividida entre os que controlam a propriedade e com isso os resultados de toda riqueza social produzida, e uma enorme massa de trabalhadores que dispõem apenas de sua 'própria pele' (Gaudemar, 1977), ou seja sua força de trabalho para vender como condição de sobrevivência – cujo objetivo do capital é a produção de mercadoria e do lucro, sob a exploração e expropriação da maior parte da sociedade, a violência foi e continua a ser inerente a essa. Vejamos esse processo do ponto de vista histórico, para trazer algumas análises de como a violência se expressa na realidade atual.

Ao abordar as formas “nada idílicas” nas quais a acumulação primitiva, fundamental a consolidação da sociedade capitalista que se expandiu posteriormente, Marx (2013) é enfático ao demonstrar que essa produção de riqueza se fez com base no roubo, no saque, na expropriação, na violência extrema – praticados pelo processo de colonização e apropriação dos povos e dos territórios que garantiram que essa produção de riqueza fosse direcionada para os países centrais do capitalismo – na Europa, à época da análise marxiana.

Assim, a violência não é um fenômeno que brota ao longo do desenvolvimento dessa forma de sociabilidade, como uma anomalia ou algo parecido, senão é uma condição para que essa sociedade se reproduza, estando na sua gênese e desenvolvimento, sendo fundamental para que haja o processo de acumulação e reprodução ampliada do capital.

Desse modo, o presente artigo levanta a seguinte reflexão: de que forma a violência se expressa nessa sociedade produtora de mercadorias? Buscando responder a essa questão, entendemos que a violência se expressa em todos os seus aspectos. O processo de expropriação camponesa, base para a acumulação e consolidação do capital e sua expansão mundial, inclusive em direção às colônias, assim como o processo de exploração do trabalho, extraindo mais-valor, não tem outra forma de se consolidar senão por meio da violência, seja essa explícita ou velada. Portanto, expropriar um camponês de sua terra de trabalho – em que esse se reproduz com a família é uma forma de violência; não permitir que pessoas que, na condição de miserabilidade na qual se reproduzem, tenham acesso à terra através da reforma agrária é uma forma de violência; negar aqueles que não possuem mais nada para vender “que não seja sua própria pele”, ou seja, sua força de trabalho, o trabalho, é uma forma de violência; naturalizar que um trabalhador, após uma jornada dura de trabalho, de degradação de suas forças físicas e psíquicas, não ganhe sequer o suficiente para alimentar a si mesmo e a sua família é uma forma de violência. A esses, tantos outros exemplos podem ser apontados.



Dessa forma, compreendemos que não há como se tratar a violência fora das condições objetivas e subjetivas nas quais ela se manifesta em uma sociedade cujo objetivo central é a produção de mercadoria, a garantia da propriedade privada, a exploração do trabalho e a extração do lucro.

Na busca de um diálogo com a produção acadêmica recente sobre a violência, observou-se uma predominância de estudos que ora apontam as dificuldades em se controlar a violência e os investimentos em segurança pública, não raros vinculados a dimensão do Direito ou da saúde do trabalhador (Bezerra, 2021; Moraes, 2018; Gomes, 2020), ora apontam a violência como algo inerente ao processo de urbanização (Andrade Filho, 2021; Bezerra, 2021), outros destacam a ascensão da violência da Polícia e das milícias privadas (Gomes, 2020), sobretudo nos estudos de grandes centros urbanos, mas que, em geral, também não têm como centralidade uma crítica mais profunda e estrutural da violência como forma de reprodução da sociedade de classes. Também foi possível se identificar pesquisas que enfatizavam o processo de segregação espacial da população negra na cidade, mas sob um viés da teoria da decolonialidade⁷ (Panta, 2018) e não como uma expressão contraditória do processo de acumulação de capital em países periféricos, e como a reprodução do racismo é estrutural para a perpetuação das desigualdades nessa forma de sociabilidade.

Nos estudos consultados sobre a violência enquanto expressão de uma sociedade classista, que reproduz o racismo, o machismo e a misoginia, prevalecem as interpretações com base na teoria de interseccionalidade⁸ (Ripardo, 2021; Bandeira e Amaral, 2017; Gomes, 2020), com destaque para as categorias raça e gênero, em detrimento da categoria classe social, fundamental e central para se compreender as contradições impulsionadas por essa forma de sociabilidade, tendendo para análises fragmentárias, que se distancie da perspectiva da totalidade. Ainda, foi possível identificar pesquisas que centralizavam na violência contra a mulher (Bezerra, 2021), contra as mulheres negras (Panta, 2018), a violência nas escolas (Groff, 2022), dentre outras, que embora importantes,

⁷ Compreendendo a colonialidade como um padrão de poder multidimensional que se constitui como alicerce do sistema capitalista - no qual a raça assume o papel crucial de classificação da população mundial - as hierarquias por ela produzidas resultam em experiências de dominação e exploração que, como analisa Santos (2012: 41-42), levam a trajetórias discrepantes, de indivíduos e grupos, nos diversos contextos capitalistas. Como afirma Quijano (2010: 84-85), no momento em que o capitalismo se tornou mundial, a colonialidade e a modernidade instauraram-se articuladas como elementos constitutivos e específicos do seu padrão de poder, que permanece até hoje (Panta, 2018, p.79). Assim, a decolonialidade é retirar a centralidade da análise europeia e colonial, trazendo as narrativas dos povos dominados, nesse caso, sobretudo, os africanos, daí a centralidade da raça, o que, para nós, também retira a centralidade do debate das classes sociais e das questões estruturais da forma de sociabilidade, fragmentando a análise

⁸ De acordo com Hirata (2014, p. 62): A vasta literatura existente em língua inglesa e mais recentemente também em francês aponta o uso desse termo, pela primeira vez, para designar a interdependência das relações de poder de raça, sexo e classe, num texto da jurista afro-americana Kimberlé W. Crenshaw (1989). (...)pode-se dizer que sua origem remonta ao movimento do final dos anos de 1970 conhecido como Black Feminism (...), cuja crítica coletiva se voltou de maneira radical contra o feminismo branco, de classe média, heteronormativo. A problemática da “interseccionalidade” foi desenvolvida nos países anglo-saxônicos a partir dessa herança do Black Feminism, desde o início dos anos de 1990, dentro de um quadro interdisciplinar, por Kimberlé Crenshaw e outras pesquisadoras inglesas, norte-americanas, canadenses e alemãs. Com a categoria da interseccionalidade, Crenshaw (1994) focaliza sobretudo as intersecções da raça e do gênero, abordando parcial ou periféricamente classe ou sexualidade, que “podem contribuir para estruturar suas experiências (as das mulheres de cor)” (Idem, p. 54).



não coadunavam com a perspectiva mais estrutural e crítica que entende a violência no movimento das desigualdades estruturais dessa forma de sociabilidade.

A exceção foi o artigo de Hirata (2014) ao apontar, dentro de uma leitura crítica, de viés marxiano, os limites das interpretações das teorias de interseccionalidade e consubstancialidade, reafirmando a unidade dialética das categoriais sociais (classe, raça e gênero), sem perder de vista as questões estruturais dessa forma de sociabilidade do capital. Ainda assim, mesmo se constituindo em uma leitura importante, a autora não traz um estudo sobre a violência nessa sociedade, algo que o referido artigo se propõe a fazer. Além disso, por se tratar de um artigo no campo da Geografia, reafirma-se o interesse de entender como essas relações de classe, em sua mediação com a condição de raça e de gênero, se expressam na produção desigual do espaço urbano, tendo como realidade de estudo o espaço urbano de Vitória da Conquista/BA enquanto particularidade inserida na totalidade das relações sociais. (Lefebvre, 2006, Carlos, 2007)

Segundo Carlos (2007), é na prática espacial que percebemos as contradições do mundo, na medida em que é no espaço que ocorrem as relações sociais, produzindo, nesse sentido, sua existência. Para se reproduzir, os sujeitos produzem um espaço, e esse espaço é onde se consolidaram suas relações sociais, que os mantêm vivos, ao longo do tempo histórico, possibilitando a existência do homem, que se realiza no processo de reprodução da vida. Nessa perspectiva, espaço e sociedade são inseparáveis na análise da cidade. Entretanto, no modo de produção capitalista, o espaço é convertido à condição de mercadoria, e ter acesso ao mesmo significa pagar por ele, algo inacessível para parcelas significativas da sociedade. Na realidade do espaço urbano, as dificuldades no acesso ao solo urbano e à reprodução da vida tornam-se, ainda, mais evidentes.

Ao observarmos a realidade concreta de fundação e desenvolvimento do município e da cidade de Vitória da Conquista, conclui-se que essa traz em seu rastro o roubo da terra, o assassinio, a violência extrema para com a população nativa, o seu 'quase' extermínio, sendo essa a condição para a apropriação da terra (sob o signo da propriedade privada) e da natureza (denominados recursos – extraídos por meio do trabalho – inicialmente indígena e depois dos povos sequestrados e violentados das suas condições de existência – os escravizados africanos)⁹. Por isso, em uma análise dialética histórica compreende-se a violência como parte estruturante desse modo de produção, fazendo parte dos métodos de desenvolvimento dessa forma de sociabilidade. Essa violência se reproduz e adquire, ao longo do tempo, novas expressões, enquanto prevalece essa forma de sociabilidade, sendo inerente a essa.

⁹ Nos referimos ao processo de expropriação e matança dos povos originários (Mongoiós, Pataxós e Imborés) que habitavam essas terras antes da chegada do bandeirante João Gonçalves da Costa, e a tentativa de dizimá-los para se apropriarem da terra e das riquezas existentes, por meio da exploração do trabalho e da propriedade privada sobre as terras



Foi partindo desse pressuposto que nos lançamos ao desafio de analisar a violência na produção desigual do espaço urbano de Vitória da Conquista/BA, como uma particularidade que se desenvolve e na qual estão presentes todas as contradições da sociedade do capital, ao considerar seus aspectos históricos fundacionais centrais para se explicar a apropriação privada da terra e do trabalho, a expropriação do campo, a consolidação das classes sociais proprietárias e não proprietárias, portanto a própria produção desigual do atual espaço urbano conquistense.

Para tanto, destacam-se as pesquisas realizadas por Sousa (2001) ao apontar o processo de tomada do território denominado Sertão da Ressaca pelo bandeirante e a violência inerente a esse processo, consolidando a propriedade privada sobre a terra e a ação de uma classe proprietária fundiária, que controla a terra no campo e o solo urbano na cidade, e que também passa a desempenhar importante papel político, sendo fundamental na expansão do capital, se associando ou favorecendo a consolidação da terra e da cidade mercadoria. Realidade que se segue sem grandes alterações ao longo de todo o século XX e neste início do século XXI¹⁰, conforme destacam estudos realizados por Medeiros (1977).

As condições para o desenvolvimento da produção capitalista nesse município, entretanto, vão se aprofundar a partir da segunda metade do século 20, com a ação do Estado e a abertura para grandes projetos de desenvolvimento, em que a difusão do café adquiriu destaque. Tal realidade é enfatizada por Santos (1987), que apontou a produção de riqueza e miséria na cafeicultura do Planalto da Conquista, destacando a expropriação camponesa, a concentração fundiária e a mobilidade dos trabalhadores do campo em direção à cidade, fomentando um significativo exército de reserva e conflitos no campo, com destaque a luta pela terra por posseiros e a greve dos trabalhadores do café, no ano de 1980, considerada até hoje uma das maiores greves já ocorridas no campo brasileiro. A tese de Souza (2008) aponta diversos conflitos pelo território no Centro-Sul baiano, referendando a concentração da propriedade fundiária, o poder de uma classe proprietária e a emergência da luta pela terra via movimentos sociais organizados. Essa mesma relação de propriedade se estende do campo para a cidade e se configura em uma classe que controla, também, o solo urbano, direciona as relações políticas, encontra-se por dentro do Estado e se vincula ao grande capital,

¹⁰ De acordo com dados dos últimos Censo Agropecuários realizados pelo IBGE, o índice de Gini, utilizado para medir a concentração da propriedade fundiária, no município de Vitória da Conquista, passou de 0,822, em 2006, para 0,829 em 2017, caracterizando-se por um município de concentração fundiária de forte a muito forte. Fonte: Censos Agropecuários do IBGE de 2006 e de 2017, disponibilizado pelo Projeto de Pesquisa GeografAR, da Universidade Federal da Bahia. Disponível em: https://geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/vitoria_da_conquista_-_ba_0.pdf



isso não quer dizer, internamente, que os proprietários fundiários, enquanto classe tradicionalmente detentora de Poder Político e econômico, seja, imediatamente, substituída, por uma “nova” classe burguesa e urbana. Ao contrário, acreditamos que esses mesmos sujeitos é que vão assumindo um novo papel na economia e organização social do município, diversificando suas fontes de renda investindo em atividades comerciais e buscando controlar o Poder Político, sobretudo, ao assumirem cargos eletivos. Mas, embora essas classes se coloquem como definidoras da produção da riqueza e do espaço, essas são apenas fantoches do grande capital, em sua busca desenfreada pela produção do valor. Apesar disso, obtêm vantagens políticas e econômicas, apropriando-se de parcelas da mais-valia extraída dos trabalhadores. (Santos, 2019, p. 61).

Mas é, sem dúvidas, em inícios do século XXI que os empreendimentos de capital passam a se efetivar mais concretamente na cidade. É nesse movimento que Cabral (2017) aponta a ação do capital produtivo e financeiro na apropriação e valorização do espaço urbano conquistense, o que, em geral, impede que quem precise morar e viver tenha acesso a ele – realidade que se constitui em uma forma de violência para parcelas significativas da população. Essa questão da moradia, e a abertura de loteamentos sem a menor infraestrutura e mesmo assentamentos precários (alguns oriundos de ocupação), foram destacados nos estudos de Almeida (2005), deixando claro a presença da lógica do solo mercadoria e as dificuldades de viver a cidade e nessa se reproduzir para parcelas da classe trabalhadora¹¹.

Ressalta-se, ainda, a pesquisa realizada por Santos (2013), ao argumentar que a segregação Zona Oeste/Leste da cidade não é natural, mas expressa todo o conteúdo de uma sociedade classista. Em acordo com o autor, entende-se que naturalizar esse processo e explicá-lo como produto de uma rodovia (a BR-116), um fixo, negando as contradições da sociedade do capital, também é uma forma de violência.

Nas pesquisas realizadas no âmbito do Laboratório de Estudos Agrários e Urbanos (LEAU/UESB), ressalta-se Chaves (2018), ao trazer o debate sobre renda da terra urbana, demonstrando como se sobrepõem os interesses de uma classe proprietária fundiária, que em Vitória da Conquista garantiu um efetivo controle sobre o solo urbano e negou o direito à cidade para parcelas significativas da classe trabalhadora conquistense. Eis mais uma forma de violência, referendando como a cidade foi e é historicamente produzida. Nessa esteira, Pereira (2019) reflete sobre os processos de valorização e apropriação de espaços pelo capital, por meio dos empreendimentos imobiliários que se direcionam para áreas periféricas da cidade, e mesmo para áreas fora do perímetro urbano, evidenciando novas formas de expropriação para a população mais pobre, mas, contraditoriamente, novos espaços destinados à reprodução ampliada do capital. Finalmente, Lopes (2020) destaca o processo de fragmentação entre trabalho e moradia, realizando uma leitura das desigualdades espaciais/de classe que configuram o espaço urbano conquistense,

¹¹ De acordo com levantamentos realizados pelo Movimento dos Trabalhadores por Direitos (MTD) na cidade de Vitória da Conquista há um déficit habitacional que atinge mais de 8 mil famílias



apontando como a atuação do Estado (poder público municipal – e em outras esferas) fomenta esse processo, produzindo a cidade desigual, onde a moradia constitui-se valor de uso absolutamente mediado pela troca, negando essa condição básica para quem não pode pagar por ela, outra forma de violência.

Conforme pôde-se observar em significativa literatura científica, essa realidade de expropriação e desigualdade que compõe o espaço urbano de Vitória da Conquista se expressa na violência praticada, sobretudo, com os sujeitos “sem propriedades” da referida cidade, expressando-se, também, espacialmente (Santos, 2021).

3. A VIOLÊNCIA NA PRODUÇÃO DESIGUAL DO ESPAÇO URBANO DE VITÓRIA DA CONQUISTA/BA

Partindo do entendimento da produção do espaço urbano e do espaço urbano conquistense, como expressão concreta das desigualdades sociais, buscou-se compreender como a violência se expressa e pode ser espacializada na referida cidade. Conforme já destacado, através da coleta de dados, nos deparamos com a violência extrema, “a morte matada”, mas entendíamos que essa não ocorria naturalmente, tão pouco poderia ser explicada por meio da divisão dessa cidade em Zona Leste (mais elitizada) e Zona Oeste (mais popular), para justificar a incidência maior de crimes nessa segunda¹². O cenário da violência e a leitura, não raro reforçada pela imprensa local, ao insistir nessa forma estereotipada de ler a cidade, também nos despertou para o seguinte questionamento: será que a violência é inerente e apenas se expressa nesses bairros mais pobres? Entendíamos que era necessário superar a visão do aparente e mergulhar na essência do processo histórico de formação do espaço urbano e nas desigualdades sociais/de classe que se materializam, historicamente, nesse espaço. Ao mesmo tempo, iniciou-se o processo de coleta de dados sobre a violência no espaço urbano e o conhecimento desses reforçaram a necessidade de se realizar a pesquisa. Na tabela 01, são demonstrados os dados da ONG Segurança, Justiça e Paz, referentes às cidades mais violentas do mundo no ano de 2017, quando a cidade de Vitória da Conquista aparece em destaque.

¹² De acordo com dados divulgados pelo Censo Populacional do IBGE, de 2022, o município contava com 370.879 pessoas, dessas 100.004 pessoas foram consideradas ocupadas, o equivalente a 26,96% do total. Mas, embora essa média seja considerada razoável em relação a outros municípios do estado, isso não quer dizer que não haja desigualdades significativas. O salário médio dos trabalhadores conquistenses em 2022 era de 1,9 salários mínimos, mas 39,7% da população era considerada com rendimento nominal per capita de até ½ salário mínimo. Por outro lado, os dados são generalistas e não apontam a renda média por bairros, o que, certamente, iria demonstrar que essa população com menor renda acessa os lugares menos valorizados do solo urbano e com infraestrutura mais deficitária, locais, seguramente, de significativa concentração dos casos de violência registrados por essa pesquisa. Disponível em: IBGE | Cidades@ | Bahia | Vitória da Conquista | Panorama



Tabela 1 – As 50 Cidades mais violentas do mundo, 2017

Posição	Cidade	Posição	Cidade
1	Los Cabos (México)	26	San Pedro de Sula (Honduras)
2	Caracas (Venezuela)	27	Valencia (Venezuela)
3	Acapulco (México)	28	Cali (Colômbia)
4	Natal (Brasil)	29	Chihuahua (México)
5	Tijuana (México)	30	João Pessoa (Brasil)
6	La Paz (México)	31	Obregón (México)
7	Fortaleza (Brasil)	32	San Juan (Porto Rico)
8	Victoria (México)	33	Barquisemeto (Venezuela)
9	Guayana (Venezuela)	34	Manaus (Brasil)
10	Belém (Brasil)	35	Distrito Central (Honduras)
11	Vitória da Conquista (Brasil)	36	Tepic (México)
12	Culiacán (México)	37	Palmira (Colômbia)
13	St. Louis (Estados Unidos)	38	Reynosa (México)
14	Maceió (Brasil)	39	Porto Alegre (Brasil)
15	Cape Town (África do Sul)	40	Macapá (Brasil)
16	Kingston (Jamaica)	41	Nova Orleans (Estado Unidos)
17	San Salvador (El Salvador)	42	Detroit (Estados Unidos)
18	Aracaju (Brasil)	43	Mazatlán (México)
19	Feira de Santana (Brasil)	44	Durban (África do Sul)
20	Juárez (México)	45	Campos de Goytacazes (Brasil)
21	Baltimore (Estados Unidos)	46	Nelson Mandela Bay (África do Sul)
22	Recife (Brasil)	47	Campina Grande (Brasil)
23	Maturín (Venezuela)	48	Teresina (Brasil)
24	Guatemala (Guatemala)	49	Vitória (Brasil)
25	Salvador (Brasil)	50	Cúcuta (Colômbia)

Fonte: ONG Segurança, Justiça e Paz, 2018. Adaptada pelas autoras.

Os dados da tabela 1 demonstram que 17 das 50 cidades mais violentas do mundo estavam situadas no Brasil, em 2017. Esses dados também se apresentam bem significativos no estado da Bahia, em relação ao Brasil. Foi o que demonstrou os dados do Atlas da Violência (2018), elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), ao apontar que o número de homicídios violentos em Vitória da Conquista cresceu de 56 mortes a cada 100.000 habitantes, em 2015, para 68,5 mortes em 2016¹³. É o que demonstra a tabela 02.

¹³ Esses dados foram divulgados no ano de 2018

**Tabela 2** – Cidades com mortes violentas no país e suas taxas de homicídios, 2018.

Cidade/estado	Índice de violência (por 1.000 hab.).	Cidade/estado	Índice de violência (por 1.000 hab.).
Rio Branco (AC)	63,4	Simões Filho (BA)	107,7
Maceió (AL)	55,6	Eunápolis (BA)	124,3
Arapiraca (AL)	65,8	Teixeira de Freitas (BA)	83,8
Manaus (AM)	48,6	Alagoinhas (BA)	81,1
Macapá (AP)	56,7	Jequié (BA)	75,4
Salvador (BA)	61,7	Juazeiro (BA)	48,1
Feira de Santana (BA)	85,1	Barreiras (BA)	64,9
Camaçari (BA)	91,8	Ilhéus (BA)	56,1
Vitória da Conquista (BA)	68,5	Fortaleza (CE)	55,0
Lauro de Freitas (BA)	99,2	Caucaia (CE)	61,1
Itabuna (BA)	69,9	Juazeiro do Norte (CE)	52,2
Porto Seguro (BA)	101,7	Brasília (DF)	26,5

Fonte: IPEA/Atlas da Violência, 2019. (Adaptado pelas Autoras)¹⁴.

Das 123 cidades listadas como as mais violentas no país no ano de 2018, 15 se encontravam no estado da Bahia, com destaque para municípios metropolitanos e próximos à capital, e em cidades médias como: Feira de Santana, Alagoinhas, Vitória da Conquista, Itabuna e outras.

No ano de 2022, a ONG Mexicana Segurança, Justiça e Paz divulgou novamente o levantamento das cidades mais violentas do mundo, com dados do ano de 2021, em que a cidade de Vitória da Conquista/BA, foco de análise deste artigo, permanecia como a 20ª cidade mais violenta do mundo, e a 4ª cidade em índice de violência no país. (Tabela 03).

Tabela 3 – Cidades mais violentas do Mundo, 2021.

Posição	Cidade	País	Homicídios	Habitantes	Taxa
1	Celaya (AM)	México	699	639.052	109,38
2	Tijuana (AM)	México	2.115	2.049.413	105,15
3	Juárez	México	1.567	1.512	103,61
4	Ciudad Obregón	México	309	305.539	101,13
5	Irapuato (AM)	México	823	866.370	94,99
6	Enseada	México	402	443.807	90,58
7	St. Louis	Est. Unidos	264	300.576	87,83
8	Uruapan	México	259	356.786	72,59
9	Feira de Santana	Brasil	418	619.609	67,46
10	Cape Town	África do Sul	2.947	4.604.986	64,00
11	Cumaná	Venezuela	225	360.436	62,42
12	Fortaleza	Brasil	2.491	3.999.930	62,28
13	Mossoró	Brasil	187	300.618	62,21
14	Guayana	Venezuela	471	758.490	62,10
15	Zacatecas	México	214	361.347	59,22
16	Baltimore	Est. Unidos	335	593.490	56,45
17	Kingston (AM)	Jamaica	643	1.180.771	54,46
18	Acapulco	México	422	779.566	54,13
19	Caracas	Venezuela	1.417	2.682.801	52,82
20	Vitória da Conquista	Brasil	179	341.128	52,47

¹⁴ Importante ressaltar que a lista completa é de 123 cidades, para esse momento, como o foco é entender a violência na cidade de Vitória da Conquista/BA, trouxemos apenas as 24 primeiras citadas da tabela original



21	New Orleans	Est. Unidos	202	390.144	51,78
22	Mandela Bay	África do Sul	621	1.213.060	51,19
23	Maturin	Venezuela	254	497.723	51,03
24	Memphis	Est. Unidos	332	651.073	50,99
25	Culiacán	México	472	955.340	49,41
26	Cuernavaca (AM)	México	436	896.688	48,62
27	Morelia	México	403	849.053	47,46
28	Salvador	Brasil	1.852	3.957.566	46,80
29	Detroit	Est. Unidos	327	713.898	45,80
30	Distrito Central	Honduras	569	1.276.738	44,57
31	Durban	África do Sul	1.727	3.981.205	43,38
32	Chihuahua	México	402	937.674	42,87
33	Rio Branco	Brasil	173	413.418	41,85
34	San Pedro Sula	Honduras	330	801.259	41,19
35	Colima (AM)	México	135	328.471	41,10
36	Maceió	Brasil	404	1.025.360	39,40
37	Recife	Brasil	1.549	4.023.725	38,50
38	Cucutá (AM)	Colômbia	325	861.000	37,75
39	San Juan	Puerto Rico	120	318.441	37,68
40	Cali	Colômbia	987	2.627.939	37,56

Fonte: ONG Segurança, Justiça e Paz, 2022.

Pelos dados da tabela, é possível verificar que embora a taxa de homicídios (52,47), representando 179 homicídios registrados para uma população estimada em 341.128 pessoas, em 2021¹⁵, tenha caído em relação a de anos anteriores, como 2016 (68,5), a cidade ainda prevalece e se configura com destaque nos índices de violência mundial.

Mas, apesar desses dados evidenciarem a violência presente no espaço conquistense, não se tinha os elementos concretos para se fazer uma leitura geográfica sobre como essa se espacializava, seus reais motivos, seu caráter classista e racial e sua relação com a produção desigual do espaço. A fim de se chegar a esse nível de detalhamento, passamos à coleta de dados por meio de pesquisa sistemática em blogs e noticiários da cidade de Vitória da Conquista. Esse levantamento se iniciou em meados do ano de 2018-2019, de meados de 2019 a meados de 2020, e de meados de 2020 a meados de 2021. Para a confirmação da coleta eram pesquisados, pelo menos, três blogs da cidade, por meio dos quais buscávamos um detalhamento maior dos crimes.

No primeiro ano de pesquisa, através da tabulação e análise dos dados sobre a taxa de homicídios e sua distribuição espacial em Vitória da Conquista entre o ano de 2018 e o primeiro semestre de 2019 foi possível concluir que os crimes ocorreram, em sua maioria, por confrontos com a Polícia ou por envolvimento com o tráfico de drogas, sendo a maioria das vítimas jovens e homens. Entre o segundo semestre de 2019 e o primeiro semestre de 2020, demos continuidade a coleta desenvolvida anteriormente. No entanto, notamos que o número de homicídios na cidade caiu consideravelmente. Desde o segundo semestre de 2019 houve diminuição no número de ocorrências e, o primeiro semestre de 2020, por sua vez, registrou o menor índice de homicídios em 10 anos. Desse modo, foi possível apontar que tal diminuição esteve intimamente relacionada à pandemia do

¹⁵ Em dados divulgados em 2022.

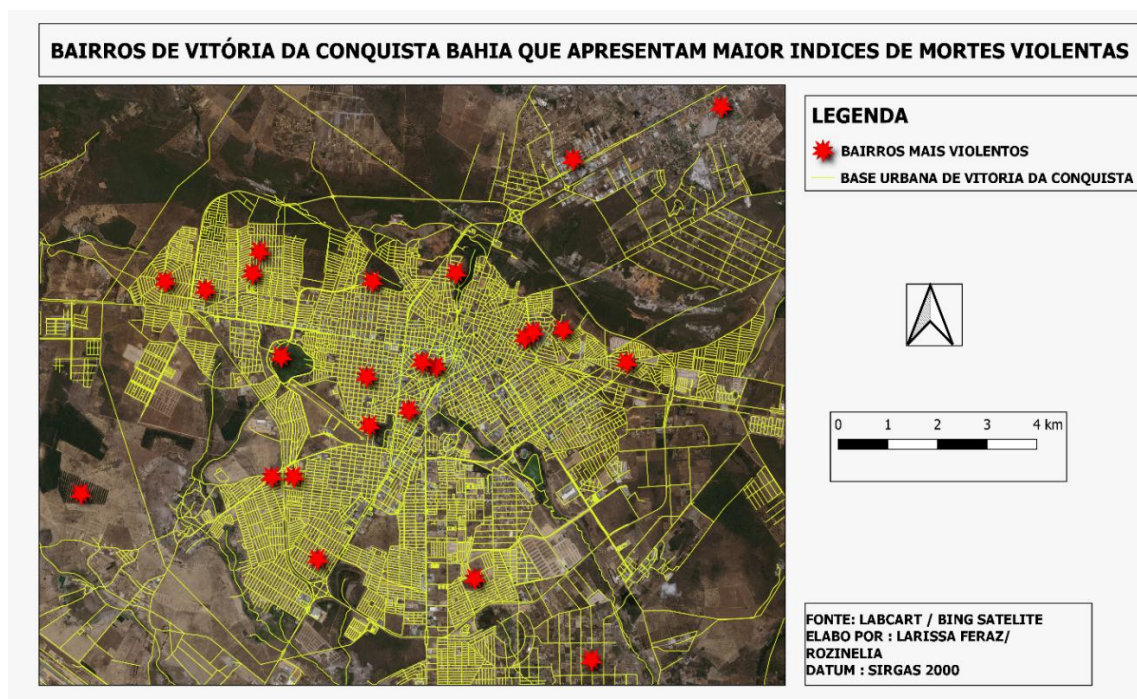


Covid-19, pois essa ocasionou uma menor circulação de pessoas nas ruas. Outra possibilidade aponta para a mudança no foco da mídia, que passou a priorizar os casos da doença, em detrimento das ocorrências diárias de homicídios.

Com base nos casos de homicídios identificados, e naqueles em que foi possível se definir os locais onde esses crimes ocorreram, foi elaborado o mapa 1.

A cidade de Vitória da Conquista/BA é a terceira maior do estado em população, contando com 370.879 pessoas, segundo Censo Populacional do IBGE (2022) e uma das mais violentas. Contudo, a distribuição dos crimes mais violentos se materializa espacialmente de forma desigual. Nessa perspectiva, os bairros em que houve um maior índice de homicídios foram: Zabelê, Jurema, Cruzeiro, Patagônia, Campinhos, Nossa Senhora Aparecida, entre outros destacados no mapa 1¹⁶.

Mapa 1 - Localização dos bairros de maiores ocorrências de homicídio em Vitória da Conquista/BA entre o ano de 2018 e o primeiro semestre de 2019



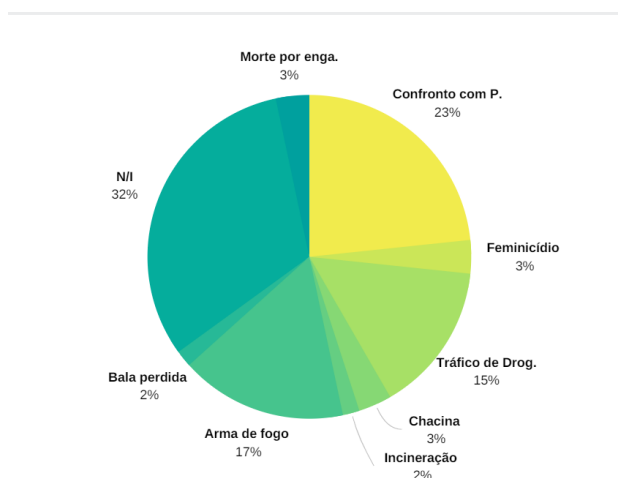
Importante ressaltar que, mesmo nos crimes em que se identificou os autores (Polícia com 23% e pessoas ligadas ao tráfico de drogas com 15%), isso não quer dizer que esses não estejam envolvidos em chacinas (3%), incineração (2%), crimes com armas de fogo (17%), nos que não se identificou a autoria (32%) ou mesmo em relação às vítimas por balas perdidas (2%), que foram

¹⁶ Cabe uma ressalva: nos levantamentos se destacam os locais em que os corpos são encontrados, sendo possível que em alguns desses os crimes possam ocorrer em determinados espaços da cidade e os corpos serem deslocados para outros, posteriormente. Mas, mesmo considerando essa possibilidade, fica bem evidente a relação entre o crime e a ocorrência preponderante em bairros (e loteamentos ou comunidades) mais pobres da cidade, locais de reprodução dos trabalhadores mais pobres e precarizados, em que, não por acaso, a informalidade, trabalho precário e até mesmo as atividades ilícitas, como o tráfico de drogas, encontram terreno fértil.



apontadas separadamente pelo fato das reportagens não estabelecerem, diretamente, essa relação (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Principais motivos de homicídio em Vitória da Conquista entre 2018 e o primeiro semestre de 2019



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018/19. Elaboração: Larissa Ferraz Nascimento, 2019.

Além disso, nessa coleta de dados, buscamos levantar a média de idade das pessoas assassinadas. As estatísticas apontadas na tabela 04 trazem essas informações, quando foi possível tal identificação.

Tabela 4 - Número de homicídios notificados e publicados na imprensa local no segundo semestre de 2018 e o primeiro semestre de 2019, por faixa etária

Idade	Homem	Mulher	LGBTQ+	Sexo não declarado
Menores de 18	6	3	-	-
18 aos 24	8	3	1	-
25 aos 32	4	-	1	-
33 aos 40	6	2	-	-
41 anos ou mais	3	3	-	-
Não declarada	21	3	-	2

Fonte: Blog do Giorlando Lima (2018, 2019). Elaboração: Larissa Ferraz Nascimento, 2019.

Na análise da tabela 4, ressalta-se que apesar de em quase 40% desses crimes não se ter destacado a idade da vítima, nos outros mais de 60% foi possível apreender que se tratavam de pessoas jovens, com até 40 anos de idade, sendo significativa a presença de jovens com menos de 25 anos. Podemos ainda observar que desses jovens que sofreram homicídios, a maioria foi do gênero masculino. Dos 40 (quarenta) casos em que foram apontados o gênero da vítima, os declarados homens compuseram 67,5% do total, as mulheres foram 27,5% das vítimas e os não declarados os outros 5%.

Outra categoria crucial para se entender a Geografia do crime e como essa se expressa no espaço urbano de Vitória da Conquista/BA é a condição da raça a que pertencem esses sujeitos. Embora as fontes pesquisadas não apontem, diretamente, essa informação, é possível identificar que

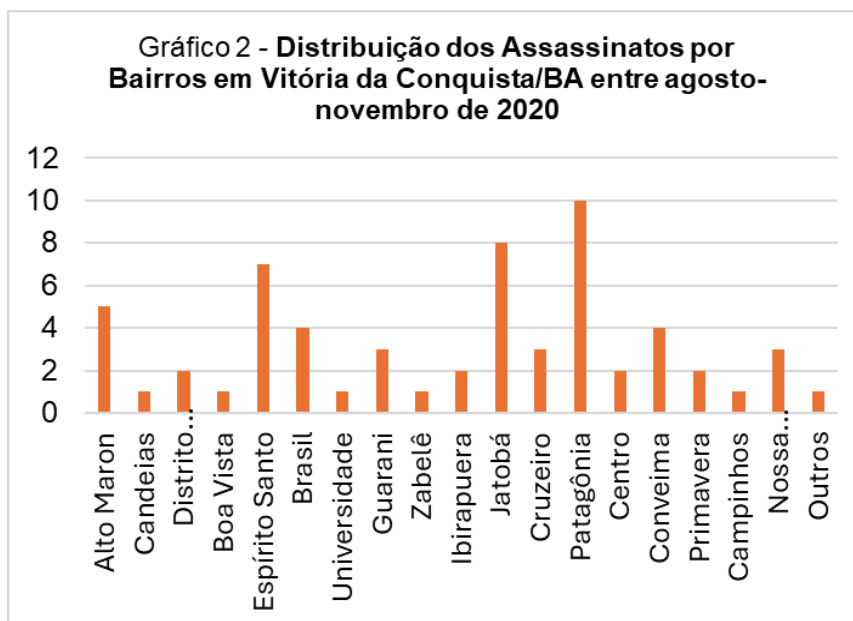


essas vítimas são, sobretudo, negros (de pele preta ou parda). E isso se torna evidente seja por, em alguns casos, se ter a foto da vítima quando viva, seja pela exposição dos corpos nessas notícias, em que, mesmo com imagens desfocadas, é possível se verificar a cor desses sujeitos que sucumbem a violência na referida cidade.

Afere-se que a condição objetiva, a pobreza e a reprodução social em espaços da periferia, além do não acesso a qualificação e ao mercado formal de trabalho, acaba por levar parte desses sujeitos a garantirem a vida através de atividades ilícitas e ao constante risco na continuidade da vida. São esses as principais vítimas da violência urbana.

Em ano posterior (2020), demos continuidade a coleta de dados sobre a violência (referindo-se a crimes de assassinatos) na cidade de Vitória da Conquista/BA, alguns desses dados estão sistematizados a seguir. Ao longo desses 4 (quatro) meses, a imprensa conquistense divulgou o assassinato de 61 pessoas, das quais 58 (ou 95%) eram homens, 2 (ou 3%) eram mulheres, e 1 vítima (ou 2%) não teve identificação quanto ao gênero¹⁷. Além do gênero, buscamos entender em quais locais no espaço urbano esses crimes ocorreram, ou foram registrados. Os resultados dessa sistematização podem ser observados no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Distribuição dos Assassinatos por Bairros em Vitória da Conquista/BA entre agosto-novembro de 2020



Fonte: Pesquisa de campo¹⁸. Elaboração: Mailan de Oliveira Lima, 2020.

¹⁷ Não se descarta que essa vítima possa ser parte da população LGBTQIAPN+, sobretudo por conta de todo histórico de homofobia e tentativa de invisibilidade dessa população. A sigla LGBTQIAPN+, representa outras identidades de gênero e orientação sexual que não apenas o binômio homem e mulher cisgêneros, representando: lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binarie e outros.

¹⁸ Como já apontado, a pesquisa de campo ocorreu por meio de coleta de dados secundários em notícias divulgadas em Blogs e demais noticiários da imprensa conquistense.

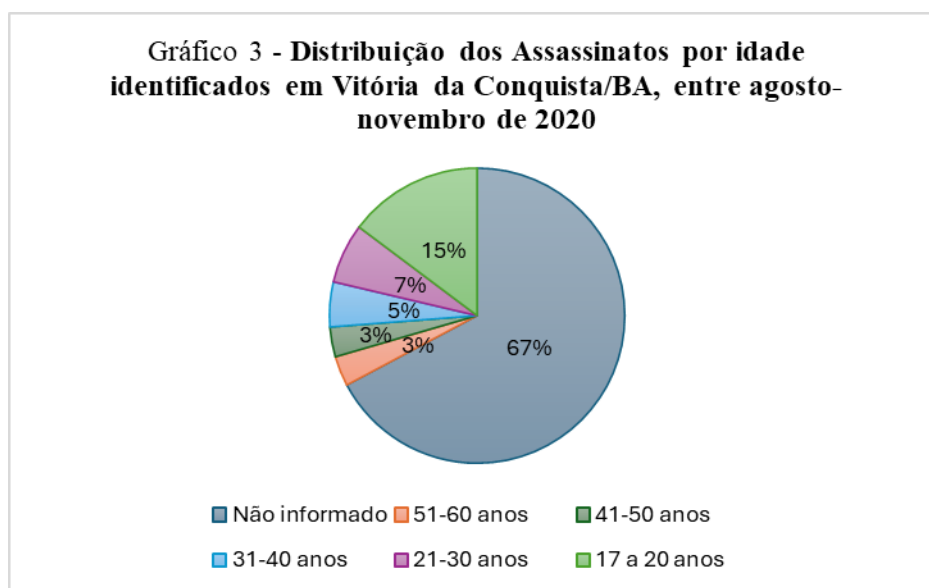


Notadamente, a Geografia do crime revela sua face desigual no espaço urbano, onde os assassinatos se concentram, sobretudo, nos bairros em que se reproduzem a população mais pobre da cidade, com destaque para: Patagônia (16,6%), Jatobá (13,3%), Espírito Santo (11,6%), Alto Maron (8,3%) e Brasil (6,6%). Esses 5 bairros foram responsáveis pelo registro de 56,6% dos assassinatos identificados para o período. São esses bairros populosos, periféricos, de ocupação predominante de trabalhadores precarizados, e alvos de constantes operações da Polícia Militar e de conflitos e disputas pelos territórios do tráfico de drogas.

Nesse levantamento dos crimes ocorridos no período de agosto-novembro de 2020, no auge da pandemia do Covid-19 no Brasil¹⁹, buscou-se, ainda, identificar a idade das vítimas. A sistematização a que se chegou é apresentada no gráfico 3.

Mesmo que em 67% dos casos identificados não tenha sido apresentada a idade da vítima, a constante exposição de seus corpos nos permitia aferir que se tratavam de pessoas jovens e negras. Além disso, quando a identificação dessa categoria foi possível, verificou-se que quase 50% desses eram de jovens entre 17 até 21 anos de idade.

Gráfico 3 – Distribuição dos Assassinatos por idade identificados em Vitória da Conquista/BA entre agosto-novembro de 2020



Fonte: Pesquisa de Campo, 2020/21. Elaboração: Mailan de Oliveira Lima, 2021.

¹⁹ Em acordo com dados da Sistema Único de Saúde (SUS), ligado ao Ministério da Saúde, do Governo Federal, até 30/09/2023, o Brasil registrou 705.962 casos de óbito por Covid-19, com Taxa de mortalidade de 5,76/por 100 mil habitantes, sendo o segundo país do mundo no quantitativo de mortes pela doença, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, com mais de 1.100.000 mortos. Enfrentar o auge da pandemia em um Governo negacionista, que pregava contra a vacina, difundia fake news e o uso de remédio ineficazes contra a doença, agravou muito essas perdas. Em Vitória da Conquista, o último dado disponível na Secretaria Municipal de Saúde foi de 26/04/2022, quando se apontava para o falecimento de 691 pessoas pela doença. Nessa cidade, certamente, a postura negacionista dos seus gestores e o alinhamento ao governo de extrema direita de Jair Bolsonaro, derrotado no final de 2022, contribuíram para essa desinformação. (Fonte: Sistema Único de Saúde, Governo Federal, 2023. Secretária Municipal de Saúde de Vitória da Conquista, 2022).



Compreende-se que a conjuntura nacional também interferiu na forma como a violência se expressou em Vitória da Conquista/BA. Uma dessas questões fundamentais foi, justamente, a difusão da política de armamento da população, que não se fez sem contradição e que influenciou no armamento das classes proprietárias e médias, sobretudo. Isso se configurou na incidência de mortes praticadas por armas de fogo, o equivalente a 88% dos assassinatos registrados no período na referida cidade. Outros 2% dos crimes foram praticados se utilizando de arma cortante e em 10% dos casos não se demonstrou que tipo de arma foi utilizada.

Além disso, buscamos identificar os sujeitos/entidades que praticavam tais crimes, e as motivações para os mesmos, articulando com as demais categorias já elencadas: a classe social, o gênero e a raça das vítimas. Mais uma vez, por meio das fontes consultadas, houve dificuldade em identificar quem eram, o que não constava em 70% das notícias. Ainda assim, em 28% dessas foi possível se apontar como razão o confronto com a Polícia e os outros 2% dos casos foram registrados como latrocínio. Na sociedade de classes, o Estado e seu aparato também se colocam a favor dos interesses dominantes. Conforme já destacado, os dados sobre a violência no país e no estado da Bahia revelam a participação da Polícia em garantir a repressão e o assassinio de pessoas pobres, e em geral negras²⁰. Por outro lado, os noticiários propagam a ideia de que há conflitos contra a Polícia, quando em geral é essa entidade a responsável direta por parte significativa dos assassinatos no estado, e mesmo na cidade de Vitória da Conquista.

Esse extermínio da população pobre e preta contou ainda com forte aval do Governo de extrema direita de Jair Bolsonaro (2019-2022) e se expressou, também, na produção desigual do espaço conquistense.

Ao buscarmos identificar qual a raça desses sujeitos que sucumbiram à violência na cidade, embora se possa verificar uma dificuldade dessa informação direta nas fontes que se obteve acesso, não era difícil de se observar quando se expunham seus corpos em chacinas, nos meios das vias públicas, e em outros locais do urbano. Esses são, sobretudo, corpos negros.

Compreende-se, assim, que a produção do espaço urbano de Vitória da Conquista/BA também se estabelece de forma desigual, e o acesso ao solo urbano e ao que é produzido pela sociedade não é apropriado pela classe trabalhadora, sobretudo os mais pobres, afetando a reprodução dos sujeitos, já subsumidos a exploração na sociedade capitalista. Esses sujeitos, que além de desprovidos de quase tudo, inclusive de dignidade, posto que muitas vezes têm um consumo bastante limitado, são as principais vítimas da violência urbana, seja por serem alvos fáceis para praticar atividades ditas “ilícitas”, a exemplo do tráfico de drogas, seja porque na

²⁰ Como apontado pelos sucessivos Atlas da Violência, organizados pelo IPEA, conforme pode-se conferir nos seguintes links: Atlas da Violência: 76% das vítimas de homicídio no Brasil são negras; Ipea - Atlas da Violência v.2.8 - Atlas 2023: População negra; Ipea - Atlas da Violência v.2.8 - Atlas da Violência 2024



condição de pobres, em geral mestiços e negros, a violência sobre o seu corpo, ou mesmo o assassinato brutal, parece ser mais aceito pela sociedade de classes. Assim, compreende-se que a violência é classista, mas também possui raça e gênero, e essa se expressa espacialmente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da leitura sobre a violência e sua expressão na produção do espaço urbano de Vitória da Conquista/BA, em sua relação com o debate teórico e os dados sobre violência no estado da Bahia e no país, aferiu-se que assim como a cidade é desigual, a violência também se expressa desigualmente no espaço urbano. Conforme aponta Harvey (2020), consideramos ao tratar o tema da violência urbana em Vitória da Conquista/BA que essa possui classe, gênero e raça, bem como se expressa desigualmente, concentrando-se nos bairros voltados à reprodução dos sujeitos mais pobres.

Essa é uma realidade que podemos afirmar, mesmo diante das inúmeras dificuldades em se chegar às minúcias que a pesquisa pretendia alcançar, revelando a condição de classe e os lugares onde os sujeitos que sucumbem à violência se reproduzem, assim como a raça, o gênero, a idade e as motivações de tais crimes. Mesmo quando essas informações não encontravam-se completas, quando tal identificação foi possível, revelou-se, exatamente, o já apontado pela pesquisa: a violência é classista e em Vitória da Conquista/BA, como em qualquer cidade sobre a égide do modo de produção produtor de mercadorias, se expressa desigualmente no espaço urbano. A violência é também racista – e se faz com muito mais intensidade sobre os corpos negros, historicamente expropriados – desde a formação social e econômica do Brasil – dos meios de produzir a vida, convivendo com a herança maldita da escravidão e da subjugação de seus corpos, culturas e formas de se reproduzir socialmente.

A violência também tem gênero, e essa se direciona para os jovens (em sua maioria homens) da classe trabalhadora, que, em geral, muito pobres, convivem com o cotidiano de informalidade, do desemprego, da pouca qualificação para o trabalho e a falta de oportunidade de melhorar suas condições de vida. Esses também, e não por acaso, são negros.

Os estudos sobre a violência em Vitória da Conquista/BA expressam e revelam uma cidade erigida sobre o manto da propriedade privada, da desigualdade espacial, do racismo estrutural, da violência e do preconceito de classe, que joga o expropriado não apenas nas periferias urbanas, mas o deixa completamente à margem de qualquer possibilidade de reprodução social. São essas às principais vítimas da violência urbana.

A realidade encontrada em Vitória da Conquista/BA coaduna com os dados apontados nacionalmente, e no estado da Bahia, onde a cidade se torna a própria expressão da sociedade desigual-classista-racista. Encontra-se e se explica no movimento com a teoria, em que a cidade e a



materialização da violência nela revelam a própria expressão da contradição da cidade mercadoria, reproduzindo todas as formas de opressão, como as de raça, e apontando a necessidade premente de se superar essa forma de sociabilidade, e todas as agruras reproduzidas e funcionais a ela. Assim, a violência se revela inerente e necessária a perpetuação dessa forma de sociabilidade, e superá-la se torna um horizonte necessário para se viver, plenamente, o direito à cidade

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miriam Clea Coelho. **Produção Sócio-espacial e habitação popular nas áreas de assentamentos e ocupações na cidade de Vitória da Conquista/BA**. 2005. 192 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal da Bahia, 2005.

BANDEIRA, Lourdes Maria; AMARAL, Marcela. Violência, corpo e sexualidade: um balanço da produção acadêmica no campo de estudos feministas, gênero, e raça/cor/etnia. **Revista Brasileira de Sociologia**. Vol. 5, n. 11. Set./Dez., 2017.

BEZERRA, Amanda Ribeiro. **A espacialização da violência contra a mulher em São Luís**. Dissertação (Mestrado em Geografia). 190 f. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Maranhão, 2021.

CABRAL, Ione Santos Rocha. **Entre esquinas esquisitas e nuances de paredes: memória e reprodução do espaço na cidade de Vitória da Conquista – BA**. 2017. 268 f. Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2017.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço Urbano: Novos Escritos Sobre a Cidade**. São Paulo: Contexto, 2004. 123f.

CHAVES, Marília Faria. **Renda da terra na produção do espaço urbano de Vitória da Conquista/BA**. 2018. 170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2018.

GAUDEMAR, Jean Paul. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. 1. ed. Lisboa: Estampa, 1977. 405f.

GOMES, André Luis. Et al. **O que dizem os estudos sobre violência urbana? Uma análise das abordagens nacionais e internacionais**. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 05, Ed. 01, Vol. 07, pp. 14-40. Janeiro de 2020. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencias-sociais/violencia-urbana>

GROFF, Apoliana Regina (et. al.). Estado da arte sobre violência e escola: análises e problematizações ético-políticas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Versão On-line ISSN 1808-4281. Vol. 22, n. 2, Rio de Janeiro maio-ago., 2022.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005. 252p.



HARVEY, David. Política anticapitalista em tempos de COVID-19. In: DAVIS, Mike. **Coronavírus e a luta de classes**. Brasil: Editora Terra Sem Amos, 2020. 48f.

HARVEY, David. O espaço como palavra chave. **GEographia**. Vol. 14, n. 28, 2012.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça. Interseccionalidade e consubstancialidade. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, vol. 26, n. 1, São Paulo/SP, Junho de 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2006**. Brasil, 2006

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2017**. Brasil, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Populacional 2022**. Brasil, 2027.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da Violência 2018**. IPEA, 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da Violência 2022**. IPEA, 2023.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da Violência 2023**. IPEA, 2024.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001. 72f.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Belo Horizonte: EDUFMG, Primeira versão: início - fev.2006. 476f.

LOPES, Rita de Cássia Ribeiro. **Da produção do espaço à reprodução da vida: a classe trabalhadora de Vitória da Conquista/BA entre o trabalho e a moradia**. 2020, 167f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2020.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Livro I. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013. 856f.

MEDEIROS, Ruy. Aspecto Urbano de Conquista através da História. In: **Jornal O Fifó**. Vitória da Conquista, 11 de outubro de 1977. p. 07, 08 e 09.

MEDEIROS, Ruy. Os fundamentos da Invasão Territorial. In: **Jornal O Fifó**. Vitória da Conquista, 18 de outubro de 1977. p. 08 e 09.

MORAIS, Yuri Andrei de Jesus. **Fenomenologia da violência urbana: impactos na saúde e nas relações sociais**. Dissertação (Mestrado em Saúde e Ambiente). 80 f. Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ambiente. Universidade Federal do Maranhão. São Luís/MA, 2018.

ONG Segurança, Justiça e Paz. **As 50 cidades mais violentas do Mundo, 2017**. México, 2018.

ONG Segurança, Justiça e Paz. **As 50 cidades mais violentas do Mundo, 2021**. México, 2022.



ONG Conselho Cidadão para a Segurança Pública e a Justiça Penal. **As 50 cidades mais violentas do Mundo, 2022**. México, 2023.

ONG Conselho Cidadão para a Segurança Pública e a Justiça Penal. **As 50 cidades mais violentas do Mundo, 2023**. México, 2024.

PANTA, Mariana Aparecida dos Santos. **Relações raciais e segregação urbana: trajetórias negras na cidade**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). 300f. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual de São Paulo (UNESP). Marília/SP, 2028.

SANTOS, Alexandre de Jesus. **Memória, Ideologia e lutas de classes em Vitória da Conquista: a segregação socioespacial como manifestação das contradições sociais**. 2014. 205f Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2014.

SANTOS, Antonio Luiz. **Produção de Riqueza e Pobreza na Expansão Cafeeira em Vitória da Conquista e Barra do Choça**. 1987. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco, 1987.

SANTOS, Jânio Roberto Diniz dos. Os movimentos sociais nos espaços do campo e das cidades diante do avanço das pautas neoliberais no Brasil (2016-2018). **Geopauta**, V. 4, N. 4. Vitória da Conquista, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/geo>. Acesso em: 24 abr. 2021.

SANTOS, Joelisa Pereira. **A produção dos espaços da periferia urbana de Vitória da Conquista/BA na contradição capital versus trabalho**. 2019. 181 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Departamento de Geografia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2019.

SECRETARIA DE SAÚDE DE VITÓRIA DA CONQUISTA/BA. **Boletim da Covid-19 em Vitória da Conquista/BA**. Prefeitura Municipal. Vitória da Conquista/BA, 2022.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023**, Publicado em 2024.

SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE. **Mortes por Covid-19 no Brasil**. Brasil, Governo Federal, SUS, 2023.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1988. 220f.

SOUSA, Maria Aparecida Silva de. **A Conquista do Sertão da Ressaca: povoamento e posse da terra no interior da Bahia**. Vitória da Conquista: UESB, 2001. 220f.

SOUZA, Suzane Tosta. **Da Negação ao discurso “hegemônico” do capital à atualidade da luta de classes no campo brasileiro**. Camponeses em luta pelo/no território no sudoeste da Bahia. 2008. 718f. Tese (Doutorado em Geografia), NPGeo/Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.